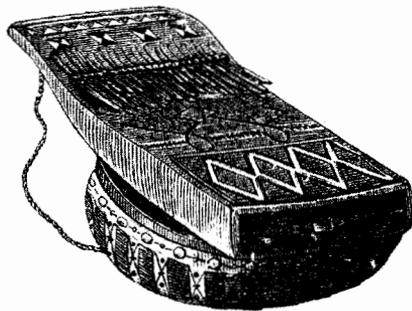


JOSÉ BENTO DUARTE

# SENHORES DO SOL E DO VENTO

*Histórias verídicas  
de Portugueses, Angolanos  
e outros Africanos*



[www.AUTORES.club](http://www.AUTORES.club)

# ÍNDICE

<b>PREÂMBULO</b> .....	7
<b>PRIMEIRA PARTE — MEMÓRIA DO TEMPO ANTIGO</b> .....	11
CAPÍTULO I — <i>Os Portões do Congo</i> .....	13
CAPÍTULO II — <i>A Quimera Africana</i> .....	27
CAPÍTULO III — <i>O Embrião de uma Colônia</i> .....	43
<b>SEGUNDA PARTE — VIRAGEM PARA SUL</b> .....	61
CAPÍTULO IV — <i>Caminheiros do Namibe</i> .....	63
CAPÍTULO V — <i>A Fênix Portuguesa</i> .....	79
<b>TERCEIRA PARTE — OS BASTIÕES DA CHELA</b> .....	97
CAPÍTULO VI — <i>Raízes na Poeira</i> .....	99
CAPÍTULO VII — <i>Investidas no Planalto</i> .....	115
<b>QUARTA PARTE — CONSTRUTORES DE PÁTRIAS</b> .....	133
CAPÍTULO VIII — <i>Os Puritanos</i> .....	135
CAPÍTULO IX — <i>Peregrinos do Desconhecido</i> .....	151
<b>QUINTA PARTE — O GLÁDIO E A BÍBLIA</b> .....	171
CAPÍTULO X — <i>Santos, Pioneiros e Falcões</i> .....	173
CAPÍTULO XI — <i>Fronteiras a Ferro e Fogo</i> .....	191
CAPÍTULO XII — <i>A Peste</i> .....	215

<b>SEXTA PARTE — O DESAFIO DOS AMBÓS</b> .....	<b>231</b>
CAPÍTULO XIII — <i>O Nó Górdio do Cunene</i> .....	<b>233</b>
CAPÍTULO XIV — <i>Horas Longas no Rio</i> .....	<b>251</b>
CAPÍTULO XV — <i>O Massacre do Vau do Pembe</i> .....	<b>263</b>
<b>SÉTIMA PARTE — AS ÚLTIMAS BATALHAS</b> .....	<b>277</b>
CAPÍTULO XVI — <i>Desforra no Cuamato</i> .....	<b>279</b>
CAPÍTULO XVII — <i>Contra Alemães e Cuanhamas</i> .....	<b>295</b>
<b>MAPAS</b> .....	<b>311</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>319</b>

## PREÂMBULO

A história deste livro começou num dia da minha infância, quando, folheando um semanário de banda desenhada, desemboquei de súbito numa fatídica floresta africana. Ocorria ali um drama que durante algum tempo me povoaria de pesadelos os sonhos até então serenos. Nos sombreados do arvoredo, de espada em punho, um militar português defendia com desespero a vida, assediado por ondas de guerreiros que lhe iam picando o corpo de lanças profundas e presumivelmente fatais.

Relembro, como se estivesse a vê-la agora, a figura que o artista concebeu enxuta, de cabelos desgrenhados e a farda em farrapos. Semana após semana, à medida que as páginas coloridas se sucediam em continuações angustiosas, o militar resistia com alento sobrenatural às investidas dos guerreiros. Cada vez mais maltratado, porém, ele esmorecia, a olhos vistos, de sete em sete dias. Mas não caía. Os guerreiros mostravam nos semblantes, também de sete em sete dias, o espanto que aquela resistência, decerto explicada por algum feitiço, lhes provocava. Recordo as aflições que tudo aquilo me causou, como lembro muito nitidamente o desgosto que o inevitável desenlace do episódio me deixou gravado no espírito.



Algumas décadas mais tarde, deparei numa livraria de Lisboa com uma interessante publicação bronzeada pelo tempo. Um pequeno esforço de memória bastou para me convencer de que tinha nas mãos a fonte — ou uma das fontes — onde o talentoso desenhador da minha infância fora buscar o conhecimento e a inspiração que transferira para aquelas terríveis gravuras. Concluí que o combate se dera em 1904, na África colonial portuguesa. Mas descobri mais. Descobri, por exemplo, que as coisas se tinham passado no Sul de Angola, nas proximidades do lendário rio Cunene, não muito longe do lugar onde nasci e a curta distância dos sítios em que vieram ao mundo algumas gerações de antepassados meus, que por lá repousam ainda no sossego respeitado das suas tumbas, afagadas pelo sol e pelo vento de África. Soube, também, que os momentos finais do esforçado militar — o tenente João Roby — não se tinham arrastado tanto como parecera

naquelas vagarosas páginas semanais. Quanto aos guerreiros africanos, apurei que eram cuamatos, do grupo étnico dos ambós, cuja bravura fizera mergulhar em lutos, por essa época, centenas de lares da pátria lusa.



Quis então saber o que antecederia aquele recontro brutal e o que se lhe teria seguido. Peregrinando pelas estantes dos alfarrabistas e pelos labirintos dos arquivos históricos, e beneficiando de inestimáveis auxílios bibliográficos dos meus amigos, acumulei ao longo dos anos uma respeitável colecção de documentos. Alguns são de conhecimento mais ou menos vulgarizado. Outros são inéditos. A todos recorri na construção deste livro, em que não tardei a ultrapassar as limitadas fronteiras dos meus propósitos iniciais. De curiosidade em curiosidade, recuando nas épocas, apenas me detive no rasto borbulhante dos primeiros navios lusos que tocaram Angola. Para diante do caso do tenente da floresta só andei treze anos, até à queda do último grande monarca angolano. De maneira que os itinerários entre estes dois marcos — 1482 e 1917 — se estendem por quase quatro séculos e meio.

E o que fica de tudo isso? Fica o notável fascínio dos portugueses por África, que em alguns se traduziu por uma espécie de hipnose sem remédio, e a tenacidade com que se apegaram a ela na paz e na guerra. Ficam os viveres, os sentimentos e as atitudes de muitos dos que os combateram ou que com eles se aliaram. Fica a frieza geométrica com que, a partir de salões distantes, se retalharam e distribuíram os sertões africanos. Ficam as grandes opções e ocorrências políticas, na metrópole portuguesa e na Europa, e a sua repercussão na globalidade do império luso e, em particular, nas terras e nas gentes angolanas — como o reinado e a aventura marroquina de Sebastião, o jugo espanhol de sessenta anos, a investida imperial holandesa, a irrupção dos bóeres, as invasões napoleónicas, a fuga da corte de Lisboa para o Rio de Janeiro, e, no seguimento desta, o evento que haveria de mudar tudo na estratégia colonial — a perda do Brasil. Como fio condutor essencial, fica o modo como Portugal conheceu e coexistiu com Angola, acabando por escolhê-la para nova “jóia da Coroa” e fazendo com que o assalto aos seus territórios do Sul constituísse a chave-mestra para a posse do território.



Deixo-vos um feixe de narrativas cruzadas, cronologicamente ordenadas, que combinam, em lances de dramatismo, graça, dor, humanidade e calculismo, complexos enredos

e protagonistas cativantes. A História são as Pessoas. Por isso, desses tempos e lugares pretendi sobretudo guardar a singular procissão de heróis, de vilões e de homens comuns que, na Europa e em África, foram armando o destino na lenta toada dos anos. São agentes governamentais cheios de integridade ou possuídos pelo demónio da ganância, africanos indomáveis ou aliciados pelas novidades estrangeiras, militares intrépidos ou contaminados pela tibieza, missionários politiqueros ou consumidos pela febre da obra, soberanos sensatos ou tocados pelo grão da loucura. São, entre outros, aventureiros sertanejos sem nome, bombeiros de fibra insuperável, exploradores romanescos, colonos esperançosos, mulheres varonis, degredados redimidos, inescrupulosos caçadores de fortunas, guerreiros e reis negros ciosos do seu poder e da sua independência. Não sendo nem querendo ser historiador, a todos e a tudo procurei honestamente emprestar a verdade de fontes que se me afiguraram indiscutíveis ou, pelo menos, dotadas de credibilidade suficiente.

No fim, sobra a memória imperecível da terra de que vim, mas onde ainda hoje estou — e onde jamais poderei deixar de estar. Impõe-se-me particularmente a lembrança desses lugares natais do Sul de Angola, para onde, bem vistas as coisas, todo este livro corre. Evoco-os, adiante, como sempre os sentirei: “impregnados de aromas intensos e envolventes, desprendidos de um misto de madeiras secas, lodos antigos, maresias penetrantes, capins calcinados e fumosidades longínquas transportadas nas abas do vento desde povoados escondidos”.

É daí que me vem também a recordação vivíssima das pessoas sem cor e sem malícia entre as quais fui maravilhadamente despertando para a Mãe África. Chegam-me delas os sorrisos, as lágrimas e a esperança. A emoção. Até um dia.

JOSÉ BENTO DUARTE